

“Menino do Beco”: memórias de uma infância vivida numa zona de meretrício em Diamantina -MG (1950-1968)

Débora Antonieta Silva Barcellos Teodoro*
Keila Auxiliadora Carvalho**

Introdução

O Beco do Mota abrigou uma famosa zona de meretrício situada no centro histórico de Diamantina, cidade localizada na região norte do estado de Minas Gerais e tombada como Patrimônio Nacional (1938) e Patrimônio Mundial pela Unesco (1999). O meretrício foi desmontado ao final da década de 1960, durante o regime civil-militar, quando as prostitutas foram retiradas do centro da cidade sob uma ação possivelmente atrelada às perspectivas higienista e moralizante da ditadura. As dinâmicas de modernização e segurança delineavam a vida cotidiana no Brasil sob o regime ditatorial; do ponto de vista dessa ideia de modernização, houve investimento em grandes obras, incentivo à industrialização e crescimento econômico; em relação à segurança, empreendeu-se uma caça aos inimigos do regime, personificados nos comunistas, reais e imaginários. Paralelamente a esse processo, o regime procurou se legitimar frente à sociedade difundindo seus valores, que também eram caros a amplos seguimentos da sociedade brasileira: família, moral e bons costumes. Como bem observou Renato Ortiz

* Mestre em Ciências Humanas, Bacharela em Humanidades e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: debora.antonieta@hotmail.com.

** Doutora em História Social e Professora Adjunta de História do Brasil Republicano na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: keilaacarvalho@gmail.com.

(2014), a ditadura procurou produzir uma imagem positiva e otimista do país, ao mesmo tempo em que atuava censurando expressões que não correspondessem a esse ideal. Desse modo, além da censura às questões de cunho político, havia uma preocupação em “preservar a família brasileira da obscenidade e do erotismo desenfreado” (Ortiz, 2014, p. 121).

Nesse sentido, a desarticulação do meretrício em uma cidade do interior como Diamantina, estava fortemente alinhada a tais valores. Sá Motta (2014) observa que o projeto autoritário-conservador da ditadura “se pautava em manter os segmentos subalternos excluídos, especialmente como atores políticos”, além disso, “nos campos da política e da cultura, defendendo valores tradicionais como pátria, família e religião, incluindo a moral cristã” (Motta, 2014, p. 15). Significativo nesse sentido era a própria localização dos bordéis, situados exatamente à frente da Igreja Matriz de Santo Antônio, atual Catedral de Diamantina. Sobre o processo que envolveu o “fechamento do Beco” como lugar de prostituição, os cantores Fernando Brant e Milton Nascimento compuseram, em 1969, a música “Beco do Mota” que descreve com pesar o episódio, e em uma das estrofes lamenta:

Acabaram com o beco
Mas ninguém lá vai morar
Cheio de lembranças vem o povo
Do fundo escuro o beco
Nessa clara praça se dissolver

(Beco do Mota)¹

E, de fato, do local que outrora abrigava casas de tolerância, bares e pequenos cassinos, restaram as memórias sobre as experiências vivenciadas naquele espaço, sobretudo, as marginais. Do ponto de vista sociológico, o conceito de marginalidade é definido de diferentes maneiras, nesse trabalho utilizaremos uma concepção que explica o marginal a partir de uma abordagem psicológica, destacando como valores e padrões de conduta quando em conflito podem erigir barreiras que dificultam a integração social dos múltiplos sujeitos.²

Assim, partindo da compreensão de que mulheres e crianças que habita-

1 Compositores: Fernando Brant / Milton Nascimento, 1969.

2 Sobre esta abordagem, conferir estudo clássico de Robert Park (1928), também Elias & Scotson (2000). Sobre usos e concepções do conceito de marginalidade conferir: Castel (1998), Goffman (1988), Paoli (1974) entre outros. Destaca-se que, nesse artigo, a marginalidade é compreendida a partir da perspectiva de uma infância fora das normas sociais da sociedade hegemônica da época, fundada na família nuclear, tradicional e religiosa.

ram um espaço delimitado para abrigar os meretrícios da cidade de Diamantina contrariavam valores e padrões de conduta que, naquele contexto, eram considerados socialmente necessários para integração desses indivíduos à sociedade, o objetivo deste artigo é analisar os relatos de memória de José,³ filho de uma mulher que trabalhou como prostituta no Beco do Mota, entre o início da década de 1950 até 1968. A narrativa traz à tona aspectos sobre uma infância de exclusão, que se valeu de estratégias peculiares de resistência para poder existir num espaço urbano estigmatizado e proibido e, também, para além dele. É desse modo, que o título do artigo traduz a tentativa de chamar atenção do leitor para o estabelecimento de um processo de adjetivação, com conotação pejorativa, das crianças que moravam com suas mães no meretrício. Conforme matéria publicada em um jornal da cidade, sobre os filhos das prostitutas pesava a “humilhante pecha de ‘menino do Beco’” (Voz de Diamantina, 1965).

Precisamos destacar que não é nosso foco trabalhar com uma abordagem sobre a história da infância no Brasil,⁴ embora estejamos conscientes de que o objeto da pesquisa possa ser analisado por essa via. Entretanto, os limites do artigo nos levam a fazer escolhas teórico-metodológicas e, sendo assim, assumimos como tema central desse trabalho a relação entre a memória e o espaço urbano do Beco do Mota. Dessa forma, as memórias de José em relação à sua infância são tratadas a partir das possíveis conexões dos valores vigentes na sociedade de Diamantina, no contexto em que viveu no espaço do meretrício.

O adulto e as memórias “de menino”

José, um desses meninos, nasceu em 1952. Segundo suas lembranças,

3 Nome fictício atribuído ao entrevistado para preservar sua identidade. O material oral foi obtido em maio de 2018. José é um homem divorciado, tem uma filha de quem se orgulha e mora sozinho, numa casa próxima à de sua mãe.

4 O campo de história da infância está em expansão, os historiadores têm procurado realizar trabalhos articulando a infância a temas mais amplos como: criminalidade, saúde, mortalidade, exclusão, entre outros. No Brasil, a produção historiográfica sobre a infância tem crescido desde a década de 1980, com a tradução do trabalho pioneiro do francês Philippe Ariès (1981). Atualmente, segundo Hugh Cunningham, há pelo menos quatro abordagens nos estudos de história da infância: 1) Enfatiza os aspectos culturais acerca da ideia de infância; 2) Chama atenção para a forma como as construções culturais sobre a infância impactam as vidas das crianças; 3) Entende que aspectos biológicos determinam o desenvolvimento das crianças e as relações dos adultos com as mesmas; 4) Sustenta a importância da escrita de uma história das crianças como seres humanos particularizados. Portanto, o presente artigo não está inserido nessas abordagens historiográficas, embora uma aproximação pudesse ser feita com a perspectiva que trata – não da infância em sentido amplo – mas da criança enquanto sujeito (Cunningham, 1998).

chegou em Diamantina quando tinha 3 ou 4 anos de idade. Entre idas e vindas por escolas e instituições de acolhimento, estudou o suficiente para se tornar alfabetizado. A entrevista com José ocorreu no período em que uma das autoras realizava a pesquisa para sua dissertação de mestrado (Teodoro, 2019). Assim, em conversa com uma antiga moradora da cidade, mencionou-se que José fora um “menino do Beco”, uma vez que sua mãe havia trabalhado num restaurante no meretrício. Por se tratar de um homem com um ofício pouco comum, não foi difícil localizá-lo.

A primeira abordagem ocorreu sem intermediadores e foi esclarecido a José qual era o propósito do trabalho para o qual havia interesse em entrevistá-lo. Ele prontamente aceitou agendar a entrevista, a qual transcorreu sem empecilhos ou constrangimento. Somente no meio da conversa ficou claro que sua mãe havia trabalhado como prostituta no Beco do Mota, o que acabou por dar novos rumos à conversa e à posterior análise do material produzido.

A importância de nos debruçarmos sobre relatos de memória refere-se a possibilidade de acessarmos questões que dificilmente viriam à tona em fontes escritas, não apenas pela dimensão “objetiva” de fatos que possam ser narrados mas, sobretudo, pela dimensão subjetiva implícita na narrativa. Sobre essa questão, Alessandro Portelli, destaca que o principal paradoxo da história oral e das memórias é que “as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros” (Portelli, 1996, p. 60).

Esse termo “filosofia” foi utilizado por Portelli em texto que analisa a história de Frederick Douglass, escravo nascido em Maryland no ano de 1817, que fugiu do cativeiro aos 20 anos e se envolveu com o movimento abolicionista. Desse modo, o sentido de filosofia assumido pelo autor poderia ser entendido como a teorização das narrativas por profissionais especializados. Narrador eloquente, Frederick começou a ser demandado pelos dirigentes brancos do movimento abolicionista para dar seu testemunho vivo contra a escravidão, porém, advertiam-no a limitar sua exposição à dimensão objetiva, concreta, factual, pois assim, tornava-se mais convincente. A teorização ficaria por conta dos dirigentes: “dá-nos os fatos, lhe diziam, e deixe que nós filosofemos” (Portelli, 1996, p. 59). Obviamente que esse era um pedido impossível de ser atendido,

Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é *interpretar*. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento,

o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados. (Portelli, 1996, p. 60, grifo no original).

Assim, analisar entrevistas de História Oral, ainda que marginais, como no caso deste artigo, não significa “dar voz” ou “inteligibilidade” à memórias silenciadas, mas, ao contrário, possibilitar a escuta sensível de experiências que estabelecem sua própria subjetividade, sua própria capacidade de ver, interpretar e influenciar na história narrada. Podemos então indagar em que medida uma narrativa particular como a de José pode contribuir para delinear uma subjetividade mais ampla, ser representativa, talvez, de um grupo de filhos que também tenham vivenciado a infância no Beco do Mota ou em meretrícios, de modo geral. A essa questão respondemos que, da mesma forma que supõe Portelli, consideramos que não podemos dimensionar o potencial representativo das memórias de José, mas o importante é que relatos dessa natureza abrem um campo de possibilidades para outras interpretações. Aliás, no plano textual, “a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas” (Portelli, 1996, p. 66).

Nos depoimentos do sujeito que vivenciou a infância no Beco do Mota, muito mais que a experiência concreta, buscamos compreender a esfera subjetiva da experiência que ele consegue imaginar. O horizonte de possibilidades se abre quando olhamos além daquilo que possa ocorrer materialmente/concretamente às pessoas, “mas aquilo que elas sabem ou imaginam que possa suceder” (Portelli, 1996, p. 67). Pois a sociedade não está organizada unicamente em torno do concreto, ao contrário, o campo subjetivo é essencial para que os indivíduos partilhem do mesmo espaço e se considerem integrantes de determinados grupos. Nesse sentido, “é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada” (Portelli, 1996, p. 67), e é sobre isso que estamos tratando quando lidamos com fontes orais.

A vida no Beco

Apesar de ser um homem já sexagenário, a narrativa de José sobre os primeiros anos de vida, quando morava no Beco do Mota, revela a lembrança do estigma vivenciado devido ao fato de ser filho de “mulher de zona”. Não obstante a isso, o entrevistado não demonstra constrangimento e narra com tranquilidade que morou no meretrício: “[...] lá eu fiquei desde menino [...] eu conheço mais

lá, Beco do Mota... é ali que eu brinquei muito, todo mundo gostava de mim [...] (morava) dentro, lá no meio. Lá dentro” (José, 2018).⁵

A ênfase sobre ter morado no meretrício, bem como do modo como vivera uma infância brincando e convivendo com pessoas que tinham afeto por ele, nos faz entender que, para José, ter morado no Beco do Mota não fora um problema e nem motivo de vergonha. Seu local de conflitos, num primeiro momento, foi a escola, ambiente em que podia sentir o incômodo de alguns colegas e seus respectivos pais, com o fato de ser socialmente classificado como “menino do Beco”.

De acordo com Carvalho (2016), a construção da memória se realiza do presente para o passado, estando sujeita a reformulações e ressignificações. Com base nessa ideia, o indicativo é de que o tempo e a trajetória vivida não foram capazes de apagar o transtorno pessoal e emocional que o preconceito por parte da sociedade causou à existência de José. Estes impactos negativos puderam ser observados diante do sentimento de tristeza demonstrado por ele ao relatar sua primeira experiência escolar. Também é marca de seu depoimento a lembrança de que eram as famílias que colocavam a regra da distância entre outras crianças e ele. Em seus relatos, o homem confirma o desprezo social experimentado na infância, inclusive no primeiro grupo escolar que frequentou, quando tinha cerca de 5 anos de idade:

Escola... a primeira escola que eu completei foi o grupo Júlia. Morava no Beco. [...] Fui pra escola... mas só que... lá na escola quase eu fui... eu fui muito odiado... fui muito odiado por causa de quê quem é de lá é... tinha que sofrer... porque eu era filho de prostituta, né? [...] Colega... família... não queria ficar junto... lá na escola... a família falava assim: “ó... não vai ficar junto com isso...” não sei o quê, né? “é mulher de zona!”. Lá na época falava mulher de zona. Falava prostituta não. Era mulher de zona. Então eu ficava muito assim... mãe que de vez em quando tinha de me buscar e o povo ficava só falando... e mãe ficava: “que praga, sô!”... era só xingar, né? Mãe só chegava... perto da casa da Chica da Silva. Ela me esperava ali. Ela nunca chegava lá no... na escola não. Que o povo cê sabe... naquela época o povo era mais respeitável. Prostituta era pouca aqui, né? (José, 2018).

Em sua narrativa revela que, além do ódio e da exclusão dos quais ele era

5 Os trechos das entrevistas apresentados no artigo sofreram poucas edições, pois, embora tenhamos a intenção de facilitar a compreensão e fluidez da leitura, não queremos que o depoimento perca a originalidade.

alvo, sua mãe sequer chegava a ir até a porta da escola para buscá-lo,⁶ mas, ainda assim, ela costumava ouvir improperios, o que a levava a reclamar com xingamentos. Além do mais, nota-se, por parte de José, certa introjeção das normas daquela mesma sociedade que marginalizava a ele e a sua mãe, quando diz que “naquela época o povo era mais respeitável”, o que leva a pensar que, de alguma maneira, para ele, o preconceito sofrido era justificável.

Um número significativo de crianças residia no Beco do Mota, José relatou ter tido três irmãs nascidas no Beco do Mota, mas que foram entregues a famílias que se dispuseram a criá-las. Em consulta a edições do jornal *Voz de Diamantina*⁷ nos anos de 1965 e 1966, observou-se a tomada de providências, por parte da instância judiciária, para retirar as crianças do ambiente do meretrício. Essas ações manifestas no jornal faziam parte de todo um processo de apelo ao apoio da sociedade para tomada de medidas acerca da “limpeza” do centro da cidade, sob o pretexto de salvar as filhas e os filhos das meretrizes. Ao que se observa, tal apelo foi eficiente de modo a reforçar o imaginário coletivo e a opinião pública construída em relação ao suposto mal representado pela área e seus habitantes. Isso leva a pensar em quantas dezenas de crianças foram expostas ao preconceito em decorrência de morarem no Beco do Mota, bem como passaram por processos de ruptura compulsória do convívio com suas respectivas mães.

Não se pode negar que, a partir de normas sociais hegemônicas que intentam proteger a infância, aquele era um ambiente impróprio para a educação e desenvolvimento das crianças. Apesar de entendermos como não razoável a retirada compulsória de filhas e filhos de suas mães, por exemplo, não há como romantizar a associação da infância ao ambiente do meretrício. Algumas das memórias de José sobre sua vida no Beco servirão para elucidar detalhes complexos do cotidiano de uma criança dentro da “zona”. E, obviamente, seu contato com esse ambiente se iniciava na relação com a própria mãe, a respeito da qual ele deixou transparecer que sempre houve conflitos:

[...] dela eu já apanhei muito... mas não tenho... fiquei com ódio dela

6 A casa de Chica da Silva fica a cerca de 100m do portão da referida escola.

7 Em 9 de setembro de 1906 circulava a primeira edição do jornal *Pão de Santo Antônio*, vinculado à Pia União do Pão de Santo Antônio para recolhimento dos pobres. A fundação existe nos dias de hoje, anexa ao Museu Tipografia Pão de Santo Antônio. As publicações do jornal perduraram até o ano de 1933. Em 1936, sob mesma direção, o antigo periódico retomou suas atividades com o nome *Voz de Diamantina*, e circulou até 1990, na modalidade tipográfica. Desde sua fundação, segundo Goodwin Júnior (2007), o jornal pretendia intervir na vida da comunidade diamantinense, numa espécie de processo de condução moral da sociedade, com amplo apoio da Igreja Católica. Em função do centenário da instituição Pão de Santo Antônio, a publicação do jornal foi retomada, desta vez com o uso de computadores.

não... foi ruim... ela sofreu muito... ela brigou muito lá no Beco... todo mundo tinha ciúme dela... levantava com o cabelo raspado, arranhada... tanta mulher... é porque... depende dos homens... é que ela é bonita, né? Paga mais caro, né? (José, 2018).

Um primeiro ponto interessante de se observar nesta narrativa é que, ao que parece, a exclusão social das prostitutas fazia com que o nível de competição por qualquer trocado potencializasse certo “estado de natureza” ou de “vale tudo” naquele território que parecia ter lei própria, já que a lei “lá de fora” geralmente visava punir e não assistir. Outro aspecto de destaque é que, apesar de apanhar da mãe quando pequeno, a elaboração da memória do entrevistado aponta para certa compreensão acerca das atitudes tomadas por ela. José também deixou claro que não nutria nenhum sentimento de ódio ou mágoa pela mãe. De modo que reforçou:

De mãe eu não tenho ódio não porque eu já vi que ela sofreu. Só o quê que eu vi que ela sofreu com aquele tanto de sangue no corpo... vish... aquilo lá me deixou... me deixou raiva, né? Contra quem fez isso com ela. Aí eu entendi porque ela sofreu no Beco do Mota. Por causa disso aí e tal, né? (José, 2018).

Este episódio do “sangue no corpo” se refere ao dia em que a mãe tomou o menino pelas mãos e abandonou o marido:

Ela disse que teve eu com... 16 anos. Ela sofreu muito. Ela diz que sofreu muito. Pai... ela diz que é... tem pai é que é coiso... [...] E ele... seguiu mãe é pra matar. Eu vi ele... pegou mãe... eu tava brincando assim perto do canteiro... aí ele andando com mãe lá, chegou com ela pra beirada do barranco e jogou ela lá, lá embaixo. Lá embaixo tinha um telhado de zinco, e pegaram ela lá e... e fazia assim (mostrando tapas) e queria fazer alguma coisa comigo... aí pegou eu e veio pegando eu e jogou no quarto lá, sabe... trancou tudo... aí depois que mãe apareceu toda cortada. Saiu sangue assim. Eu lembro direitinho, olha procê ver... 3 anos, mais ou menos. [...] Aí ela teve que saltar a janela, pegou uma trouxinha de roupa assim, saltamos a janela, aí... fomo andando, pegou cavalo... acho que eu andei de cavalo até no trem de ferro [...]. Aí nós chegamos aqui e agora todo mundo queria saber onde nós tava e ninguém sabia. Porque não tinha telefone, não tinha... era difícil. Cê sabe como é que era, né? Não comunicava... (José, 2018).

Entende-se que, ao olhar para o passado e refletir acerca das coisas ruins acontecidas à mãe e testemunhadas por ele, ainda quando da saída da casa do pai, há plena compreensão acerca das circunstâncias que a fizera migrar da roça para o Beco do Mota. Não obstante, ao dizer que “aí eu entendi porque ela sofreu no Beco do Mota”, José também demonstrou conservar o pensamento da época, o qual implicava a prostituição como um dos únicos destinos possíveis para mulheres em condição similar à da mãe: sem estudo, sem formação, sem marido e, portanto, condenada a suportar qualquer condição adversa que pudesse ocorrer nesse outro estilo de vida. Por fim, a escolha do depoente, diante de tantas intempéries enfrentadas pela progenitora, foi de perdoar qualquer tipo de falha, negligência ou maus-tratos por parte daquela que, ao que se pôde notar, é a principal, senão única, referência familiar de sua vida.

O fato de José dizer que a mãe brigava muito e costumava ser atacada pelas outras prostitutas no Beco do Mota, suscitou o questionamento acerca de existir alguma preocupação específica pelas violências que ela sofria. E, ao que parece, essa pergunta engatilhou uma sequência de narrativas a respeito de outras situações de violência, vivenciadas não necessariamente pela mãe, mas que ele testemunhou no Beco ao longo da infância:

[...] eu lembro, **eu já vi... um dando soco, murro, quase que matou... só** que eu achei que era uma luta lá dentro do quarto assim... a mulher tava pro lado de fora chorando. E... eu era menino... não tava sabendo como é que fica, e **o homem tava fazendo assim (fazendo gestos de espancamento)**... no corredor, escuro. Eu fui falar com o dono do bar lá, aquele trem era... “o homem tá batendo no outro ali!” Não sei o que era... **e foi lá ver, já tava morto**. O outro correu. Não foi no bar. Foi na casa grudada no bar. Eu fui comprar uma bala lá. A casa até feia. Aí eu fui falar com o homem, o homem...aí depois ficou amontoado de gente lá... **me empurrou assim “vem cá! Sai pra cá!”**. **Eu sei que eu lembro. Eu lembro essa parte. Um tanto de gente assim... carregando... pôs num caixão, aquele caixão... pobre, né?** Parece que a prefeitura que deu... e levou pra algum lugar. **E daquele, onde que era hotel... também matou uma pessoa ali [...]** Matava bebê também, né? Muita mulher lá acabava com o bebê. Já vi enfiando agulhas... de injeção... grávida... (dá socos na própria barriga) “sai daqui, capeta! Puta que pariu!”... “sai daqui da minha barriga, sai!”... isso... até isso... é... **aborto também, né?** Fazia isso!... **muita coisa ruim que tinha ali**. (José, 2018, grifos nossos).

Espancamentos, assassinatos e abortos, de fato, não eram incomuns ao cotidiano do meretrício no Beco do Mota. Martins (2014) analisou uma série de

registros policiais dos séculos XIX e XX que evidenciam essa realidade, com algumas variações ao longo do tempo. O contexto excludente quanto às existências dos sujeitos participantes do meretrício tornava o Beco do Mota um espaço *sui generis*, visto que o restante da sociedade não o tinha como partícipe. E dentre as especificidades desse espaço de prostituição, destaca-se o fato de ser um terreno fértil para fatos como os relatados por José. É fato que espaços marginais ou que se contrapõem a padrões estabelecidos costumam ser criminalizados a partir de convenções sociais hegemônicas, deste modo, cabe considerar a violência inerente a esse ambiente como consequência do processo de exclusão vivenciado pelos sujeitos.

Assim, além dos episódios de violência, obviamente que em um local destinado às relações sexuais, o sexo estava impregnado no ambiente. E, muitas vezes, explicitamente:

[...] por isso que eu sou assim, fanático, sabe... fanático com sexo... é... como é que é? Gosto de mulher demais, sabe... é por causa disso, aprendi lá, né? Homem... na hora que os homem entrava no quarto, eles não maltratava e nem nada não, pra sair rápido... “sai daqui, menino!”... Não era assim não!... “Ô, menino, me dá não sei o quê!”... mas na hora de fazer o sexo mesmo... aí... pede licença, “vai pra lá, ó”... aí eu ficava brincando lá, mas eu via... de vez em quando via... ali, então eu acho que... porta aberta, via... fazendo sexo... ô meu Deus... mas não sabia... ficava assim... há? Normal!... eu tô falando assim, mas cê sabe como é que é... como é que eu vi! Mas não tem maldade... eu achei que era normal. Né? Achei que era normal. Tem a mulher que brigava até com outra... “Ô... aqui!... olha que beleza esse homem aqui! Olha que gostosão! Que bonito!”... moço feio, moça, sabe... (risos) era homem feio aí a outra ficava assim: “ó... pode ficar procê!”... não era bonito não. Eles eram meio ogro... nossa Senhora! E outra coisa... as mulher ficavam mais na porta da rua, adivinha como? Desculpa! O que eu tô falando, só pra falar como é que é a história dessas mulher lá. Ficava nessa posição aqui (simula estar sentado com as pernas abertas). Ficava sentada, agachada num... numa parede, na porta, com a perna assim (mostrando os joelhos afastados). (José, 2018, grifos nossos).

A partir de concepções culturais e convenções sociais vigentes e com base na ideia de um processo civilizatório, nos termos de Norbert Elias (1994), seria comum pensar que, assim como no caso dos adultos que se comportam preconceitualmente diante de suas crianças, adultos que se dão ao desfrute sexual diante de meninos e meninas deveriam ser igualmente responsabilizados pelas consequên-

cias de suas ações nas vidas dos pequenos. Entretanto, essa formulação reforçaria juízos cuja perspectiva deste trabalho se contrapõe. José acabou por encarar o sexo explícito com naturalidade ainda na tenra infância. Para as normas vigentes da época, essa exposição também seria um tipo de violência. Porém, nas elaborações do depoente, testemunhar sexo explícito só se tornou violência quando ele tomou conhecimento do significado social dado ao sexo, posteriormente à infância vivida no Beco e quando mais velho. Sua fala sobre ser fanático com sexo sinaliza que, à época da entrevista, ele ainda precisava lidar com reflexos da experiência de testemunhar atos sexuais no Beco do Mota, em certo sentido, sob um ponto de vista resultante de sua convivência exterior ao contexto do meretrício.

Não há dúvidas de que as relações sexuais devam ser encaradas e vividas como uma parte natural, essencial e fundamental da existência humana. Porém, entende-se, com base em regras sociais e premissas culturais vigentes contemporaneamente, que não é na infância que isso deva se iniciar. Sexo diz respeito a pessoas livres e autônomas, o que não é o caso das crianças, as quais, em nossa sociedade, devem ser legalmente protegidas pelos adultos.

Entretanto, em relação ao contexto social que é pano de fundo dos relatos de José, quando havia um processo de exclusão de sujeitos correlacionados ao ambiente do meretrício, é necessário refletir que tudo que tinha vínculo com o imoral era confinado ao Beco do Mota, destituindo de dignidade aqueles que lá viviam. Deste modo, essas pessoas ficavam constantemente expostas à violência física, moral, psicológica, social. Quanto às crianças descendentes das prostitutas especificamente, se não fosse a moral religiosa⁸ a norteadora dos atos, essas não estariam no ambiente de trabalho das suas mães, como não estavam as crianças da sociedade diamantinense do além Beco. Destaque-se mais uma distinção na tratativa dessa sociedade para com as crianças, separando-as entre crianças da sociedade de um modo geral e meninos do Beco.

Destarte, entende-se que as prostitutas não poderiam ser, em circunstância alguma, responsabilizadas pela exposição a que as crianças eram submetidas. Com quem poderiam deixar suas crianças, se nem mesmo na escola seus filhos eram bem tratados? Ao contrário, eram estigmatizados e se tornavam alvo de deboche por parte de outras crianças e seus respectivos pais. Qualquer tipo de culpabilização das mães meretrizes, nesse caso, seria relegá-las, juntamente com as crianças, ainda mais à margem. Uma vez que a lei e os direitos sociais não chegavam ao Beco do Mota, regras internas, ou até mesmo a ausência de regras, se formulavam e vigoravam.

8 Na Diamantina das décadas de 1950 e 1960, assim como desde em décadas anteriores, imprensa e Igreja seguiam unidas no intuito de guiar a população, de modo a conservar e resguardar tradições, combater a modernidade e os modismos excessivos da época.

Os frequentadores do Beco eram igualmente participantes da atmosfera exibicionista, como se pode observar a partir do seguinte depoimento: “tudo mandro! Até hoje eu lembro até dum rapazinho novo, ia pra lá... ficava peladão lá... em cima da mesa, no bar... de bar, né? Ficava no boteco... tudo ficava peladão lá... dançando com as mulher... e as mulher... nossinhora!...” (José, 2018). Mas não era somente rapazes jovens e descompromissados que se faziam presentes nos bares do Beco, homens da sociedade também se destacavam: “então, era os homens casados direito, casado na Igreja” (José, 2018), a ponto de haver no Beco intervenção direta de representantes do clero local:

É... o... o bispo! O bispo também foi lá pra acabar com isso. Padre... lembro do bispo ir lá, falando... chamar a atenção de... R. S., dono do bar. E tocando música “tic tic” não, que tem Igreja. Tem que respeitar a Igreja... a Catedral... porque é pertinho... já vi ele assim... já vi cada coisa lá... mas... não sei... (José, 2018).

Esses episódios de violência e sexualidade explícita, certamente associados a outros fatores componentes do contexto da época, como intervenções da Igreja, das delegacias e da própria sociedade, levaram a tomada de diversas medidas por parte das autoridades locais ao longo do tempo. E houve, à época da infância de José, uma intervenção especialmente delicada, que retirou, compulsoriamente, alguns filhos de suas mães:

[...] que mandaram tirar todo mundo lá e foi pra Datas... junto com... é... como é que chama?... é... idosos... não sei a data direitinho. Eu era pequenininho. [...] E foi... e nós fomos pra Datas. Foi 13 crianças... que tinha... tirou de lá. Ficou comigo lá. [...] menino pequenininho... até no berço tinha... pôs pra lá. Fora algum lugar aí que foi uma criança. Tinha muita criança. (José, 2018).

Esse fato, segundo a temporalidade compreendida a partir dos relatos do depoente, sem referência a datas precisas, indica que o ocorrido se deu à época da emancipação da então localidade de Datas (MG),⁹ por volta do início da década de 1960. Quando perguntado sobre os motivos da remoção das crianças para esta espécie de asilo, José respondeu: “eu ouvi falar que fizeram que... tava muita... violência, né?... tava matando muito... [...] Mas é porque... o juiz mandou...” (José, 2018), o que corrobora com a ideia de que algumas medidas tomadas pelas

9 O município de Datas está distante, aproximadamente, 37 Km de Diamantina.

autoridades eram determinadas em função de situações violentas, como brigas e mortes, ocorridas no Beco do Mota. Entretanto, a retirada compulsória dos filhos de suas mães precisa ser compreendida também como violência. No caso das mães, a violência se dava na arbitrariedade de serem consideradas inaptas à maternidade, como fortemente imposto a partir do imaginário social da época, a respeito do qual Martins (2014) escreveu:

No país inteiro e na Diamantina, valorizava-se o vínculo conjugal legítimo, indissolúvel e estável, capaz de afastar a luxúria dos casais e de estabelecer obrigações recíprocas entre seus participantes. Para as mulheres, o discurso teológico fixava a submissão feminina no casamento, preconizando às casadas extremo recato e austeridade [...]. Assim, o modelo ideal de mulher era o de mãe e esposa, com comportamento dócil e submisso, cujos principais índices de moralidade eram sua fidelidade e dedicação ao marido e aos filhos. A honra da mulher solteira, por sua vez, era atribuída à virgindade, sendo-lhe vedada a possibilidade de dispor livremente do seu corpo. A ‘pureza’ era fundamental para a mulher, em um contexto em que a imagem da Virgem Maria era o exemplo a seguir”. (Martins, 2014, p. 311-312).

Destarte, as prostitutas representavam exatamente o oposto dessa pureza necessária às mulheres-mães, segundo a ordem social vigente. O que fazia com que sociedade, instituições religiosas e jurídicas tomassem para si o dever de negar-lhes o direito à maternidade.

A vida fora do Beco

Quanto aos filhos, talvez o aspecto mais cruel da violência praticada pela ação “benevolente” da sociedade fosse a ruptura do vínculo maternal e das relações sociais criadas dentro do Beco e a respectiva inserção em ambientes e rotinas totalmente desconhecidos. E em relação à estadia das crianças na instituição de Datas, o entrevistado fez um relato, no mínimo, inusitado:

[...] porque quando deu veneno lá, pra gente lá no... pôs veneno no leite, todas crianças... desmaiaram... passou mal, aí teve que arrumar um carro pra trazer a gente. No hospital lá. Nós ficamos misturado... a gente com os velhinhos lá. Olha procê ver que lá o leite era pra nós. Só pra criança. [...] A gente não ficou sabendo muito assim não. Eu sei que... acabou

com isso. Não pôs criança lá mais não. Fiquei sabendo assim. Fiquei no hospital aqui quase um mês. Tava cortando a gente, o negócio lá. (José, 2018).

Seria de se esperar que, um fato como esse, envolvendo autoridades de Diamantina e uma instituição de outro município, com a possível ocorrência de um episódio de envenenamento, fosse amplamente divulgado e permanecesse devidamente registrado. Entretanto, não se encontrou nos jornais analisados nenhuma referência à condução dessas crianças que viviam no Beco, incluindo uma criança que ainda estava no berço, para a cidade de Datas. Tentou-se, também, obter informações a partir de registros do hospital de Diamantina, mas sem sucesso.¹⁰

Apesar de não se ter encontrado outros registros acerca do ocorrido, compreende-se que, numa escuta sensível, não convém esboçar juízo de valor acerca da memória manifesta por José sobre algo tão grave e traumático que ele afirma ter vivido. Afinal, por mais que o ambiente do qual fora retirado não fosse realmente adequado à infância, a sequência de fatos que parte da compulsoriedade associada ao rompimento de vínculos com a mãe e as pessoas com quem estava acostumado, seguida do confinamento em um asilo e posterior internação por diversas semanas em função do que classificou como envenenamento, não pode ser tratada como mera invenção ou fantasia.¹¹

A sequência que o entrevistado apresentou sobre seu destino após a internação no hospital de Diamantina foi:

Aí... puseram, o único jeito era pôr no asilo, mas pra mim foi abandonado, né? Mãe devia ter o esforço, né... Fui pro asilo velho. [...] ali era asilo velho, não era aquele jeito lá não! Lá reformou. Já desmanchou a casa velha ali, a casa quase caindo... lá que eu sofri muito. Eu, com 6 anos, comecei a capinar tudo ali. Com 6 anos eu tava lá. 6, 7. Eu morava lá. Eu de Datas fui pra lá [...] Fiquei lá de... 7... 6, 7... até, até 13, né... (José, 2018).

Nesse novo local para onde foi levado, chamado por ele de asilo velho,

10 Foi solicitado à Santa Casa de Caridade de Diamantina vistas aos registros de internação, a partir do nome do paciente e época aproximada. Apesar da solicitação ter sido acolhida pelo hospital, foi alegado que tanto o estado atual de desorganização dos arquivos, quanto a imprecisão da data e a distância temporal dos fatos se constituíram em empecilho para verificar a existência de algum documento comprobatório.

11 Apesar da vontade e do interesse em investigar mais o episódio do envenenamento das crianças do Beco, abrangidas no asilo de Datas, tal empreitada demandaria esforços e deslocamentos que se distanciariam do objetivo e da temática principal deste trabalho. De modo que se optou por fazer o registro do que pôde ser apurado a partir dos relatos, mas sem maiores delongas.

José alega ter passado cerca de seis anos entre a infância e o início de sua adolescência. Apesar de não ter falado muito sobre a época em que lá esteve, ele demonstrou um tom de cobrança em relação à mãe, visto que manifestou ter se sentido abandonado por ela. Não se sabe se em função de, ao contrário do asilo de Datas, esse asilo velho estar próximo ao Beco do Mota, ou se em função do sofrimento que disse ter vivenciado lá, com uma breve menção ao trabalho infantil.

Ao atingir certa idade, José saiu do asilo e seu destino passou a ser a Escola Profissional Irmã Luzia (EPIL),¹² instituição de acolhimento e formação profissional de adolescentes:

No Epil eu fiquei 11 meses só. [...] Do asilo velho pra lá, acho que eu fui, eu tava... 13 anos. Saí com 14. Onze meses que eu fiquei. [...] No Epil eu ficava plantando grama lá... ainda tava começando... não tinha nada assim, igual... Tinha nada! Não tinha marcenaria, não tinha nada! Nem mesa direito não tinha. Nós é que fazia... eu fazia mesa com cadeira. (José, 2018).

A exclusão social estigmatizante sobre a infância vivida no Beco produzia ações sociais que visavam “salvar as crianças”, mas não de modo a acolhê-las como crianças comuns. Sobre elas, desde cedo, pesava algum tipo de cobrança acerca de já trazerem consigo, segundo a concepção hegemônica, marcas indissociáveis de marginalidade, além de se imputar a elas a necessidade, quase que imediata, de se tornarem pessoas aptas a algum tipo de trabalho útil. Os relatos de José apontam para a existência de mão de obra infantil no asilo e também no Epil.

Os relatos do entrevistado sobre suas experiências do afastamento de sua mãe e do Beco do Mota, apontam para um período repleto de sofrimento e tristeza. Apesar das demonstrações de sentimentos negativos em relação a essa época, insistiu-se em tentar compreender outros elementos de sua infância, que poderiam estar presentes nas memórias. Foi perguntado a ele se havia mais alguma lembrança boa, além dos relatos que já havia feito sobre as pessoas que viviam no cotidiano do Beco gostarem dele. Ao que respondeu:

Coisa boa? Coisa boa era assim... às vezes a... a... alguém me chamava por lá, pra casa... brincava com alguma outra criança lá... né? É... comida não faltava, né? Tinha comida gostosa! Refrigerante e tudo! Ia na matinê. [...] Eu ganhava muito presente! Trem de ferro... muito presente mesmo!

12 A EPIL foi fundada em 1911 pela Congregação das Filhas de Caridade, que recebia e cuidava de meninos de rua no Colégio Nossa Senhora das Dores, em Diamantina. Funciona em sede própria desde 1968. À época analisada, acolhia crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Bonito, sabe? [...] Cê vê... os homens gostavam de mim, tudo que era assim... [...] Os homens do centro, né? [...] Uai, então! Era uai!... mandava chamar a gente... na Baiúca... e tudo... eles todos que já namorou com mãe assim, eles tinham comércio lá... (José, 2018).

Brincar com outra criança, ser presenteado, beber refrigerante em um tempo em que isso não era tão comum, ter sempre comida na mesa e frequentar as matinês no cinema, estão entre as lembranças felizes de José. Trata-se de coisas que agradariam a qualquer criança, independentemente de sua origem. Entretanto, cabe fazer uma interposição com uma mensagem presente em um texto de jornal, intitulado “Os anjos não devem cair” (Voz de Diamantina, 1965), onde fora apresentada crítica a respeito da “corruptibilidade a que os meninos do Beco recolhidos no Epil” estariam expostos diante de agrados como os listados, sobretudo, quando oferecidos pelas respectivas mães. Segundo o conteúdo da publicação, o fato das progenitoras presentearem seus filhos tutelados pela instituição, os acostumaria a desejar seu “triste” dinheiro, de modo a comprometer a possibilidade de uma vida decente para eles. O que se observa, em todo tempo, é o modo como o estigma sobre a prostituição era o principal norteador dos juízos feitos pela sociedade e pelas instituições, tanto sobre as mulheres, quanto sobre seus filhos e, inclusive, sobre as relações entre eles. Qualquer tipo de provimento por parte da mãe, ou oriundo dos relacionamentos vividos pela mãe, era desqualificado e considerado também como um problema.

À época da extinção do meretrício no Beco do Mota, José conta que foi retirado do Epil pelo homem que se tornou companheiro de sua mãe, de modo que pôde testemunhar a remoção das prostitutas das zonas do centro da cidade. Foi perguntado se ele tinha memórias de como foi o desenrolar da situação:

Lembro! Lembro! Lembro que eu só vi o caminhão pegando os trem lá, uai... os móveis... eu ficava do lado de cá, tava sentado ali... e uma pessoa olhando eu... enquanto mãe tava ajudando... com... mudança... com o pessoal lá... colega dela, né? Todo mundo indo lá pro... pro... Rio Grande, lá pra cima... é aquela área ali... a Glória... lá fazia rancho... lá tinha rancho... de capim. Aqui não tinha essas casas assim não... aqui também... né... aqui era mato... (apontando para o entorno de sua residência) [...] nós, a gente podia entrar por baixo assim, do mato. Fizemos um barraco ali. Ficamos 6 anos sem luz, 6 anos sem esgoto, água. Uai... a única água que tinha era a que tem lá no hospital, sabe, né? Quando A. C. entrou pra prefeito... o único que deu ajuda a gente. Fez essa estrada aí... Pôs a água. Pôs esgoto. Cê já ouviu falar dele? A. C.? Pois é... já falaram que ele foi o melhor prefeito aqui? Ele tava salvando todo mundo. Ele dava emprego,

dava serviço pra mim. Eu pintava os caminhão, sabe... “Prefeitura Municipal”... aqui (novamente apontando para o entorno de sua residência)... aqui era mato, cheio de carrapato, gabirola... é... nossa... mas depois... tá aí... agora cresceu tudo... **mas eu preferia naquela época (da vida no Beco), que foi melhor pra mim.** É porque menino, né? (José, 2018, grifo nosso).

Esse depoimento não se refere apenas à saída da mãe do depoente da zona no centro da cidade. É revelador, também, de quais foram as alternativas para algumas daquelas mulheres: morar nos tradicionais ranchos, ou em edificações simples de madeira e capim, que eram comuns em áreas periféricas da expansão urbana no modelo da época, nas áreas dos atuais bairros Rio Grande e Glória. O homem que veio a ser seu padrasto, junto da mãe, conseguiu construir um barraco em uma área que também não era urbanizada, onde passaram a residir e onde estavam até a realização da entrevista. Porém, o que mais chama a atenção no relato de José, é o saudosismo manifesto ao contar sobre o desmantelamento do Beco do Mota, quando diz que aquela época foi melhor para ele.

As circunstâncias e os modos escolhidos para se retirar crianças e adolescentes de suas mães na zona de meretrício, bem como dos caminhos educacionais e formativos aos quais eram sujeitados esses menores, apontam para o entendimento de que a tutela exercida sobre essas crianças, ao que parece, as retirava de seus locais de origem e do convívio com suas mães, mas não tratava de inseri-las em ambientes familiares e nem em escolas comuns aos filhos da sociedade. Eles permaneciam em situações e lugares destinados a descendentes de categorias marginalizadas, de modo que o estigma social não era rompido. Ademais, o pretexto de um processo formativo e profissionalizante não era solucionador daquelas demandas emocionais dos meninos, denunciadas pelo imaginário coletivo apresentado pelos discursos presentes nos textos de jornal do período.

De modo a ilustrar a incoerência presente nas ações sociais destinadas às crianças do Beco, tomam-se como exemplo as narrativas de José, que mostram que desde a sensação de abandono por parte da mãe, até as queixas sobre o trabalho infantil de capina, de fato, não apontam para possíveis medidas socioeducativas ou protetivas que fossem capazes de suprir as lacunas que a sociedade dizia faltar a ele. É válido reforçar que o contexto de violações a essas crianças eram anteriores a tais medidas, como a própria exclusão social e o confinamento ao Beco do Mota. Já a afirmação de que a época em que viveu no Beco havia sido melhor, a despeito de tudo de ruim que por lá testemunhou, mostra que o vínculo e a presença da mãe eram o que mais importava para ele. Fato totalmente desprezado nas medidas tomadas para “protegê-lo”.

A dimensão dessa importância da relação com a mãe, que permaneceu

ao longo da vida, é reforçada a partir do que o entrevistado contou sobre outros aspectos da vida dela e da relação entre os dois, principalmente no tempo presente:

Até hoje... ela traz comida pra mim... [...] Ela mora com meu padrasto! Com meu padrasto até hoje! Olha pra você ver... desde aquela época, hein?! Os dois tá junto... tá aí até hoje! [...] Tá aí até hoje... procê ver... desde... olha procê ver... ela... eu tinha... quer ver... ele me tirou lá do Epil com 14 anos de idade, olha procê ver... essa época... aí quando começou a namorar, e me tirou de lá... (José, 2018).

Além de falar com alegria sobre o convívio com a mãe, José demonstrou muito orgulho sobre o relacionamento estável e tão longo dela com o padrasto. Além disso, a gratidão ao homem que o retirou do Epil era algo latente. O depoente também falou com carinho sobre as três irmãs, das quais uma nunca quis falar com a mãe. Das outras duas com quem ele e mãe mantinham convívio, uma havia falecido meses antes da entrevista, fato que, de acordo com José, estava acometendo a mãe de uma tristeza profunda. Esses elementos de sua narrativa elucidaram sua satisfação em possuir uma família, ainda que tardiamente e fora dos padrões impostos à época de sua infância.

Considerações finais

O protagonismo de José, privado e individual, no espaço urbano do passado, é determinante de sua própria história: de criança que cresceu em uma cidade do interior e que nela permanece, encarando e lidando diariamente com as mesmas pessoas de seu passado, em contexto e condições diferentes de outrora. Apesar da hostilidade social imposta em função do espaço urbano, marginalizado e estigmatizado, no qual viveu parte de sua vida, José resistiu ao preconceito, ao ódio, à exclusão, às separações compulsórias de sua mãe. Se tornou pai de família. Se reconhece como filho e irmão. Conta sua história sem o peso da vergonha, porém, com notas de tristeza.

Iniciamos este artigo mencionando o campo de possibilidades que é aberto pela História Oral, a narrativa de José elucidada muito bem isso. Em nenhuma outra fonte encontraríamos essas marcas de subjetividade que nos foram trazidas pelo depoente, inclusive, seria difícil obter informações sobre os “meninos do Beco”. As memórias de José revelam que os espaços – físicos e sociais – estão permeados de relações tão complexas, que ferramentas teóricas objetivas não dão conta de explicar, por isso, uma escuta sensível de narrativas implícitas da filosofia

de seu narrador, é capaz de trazer para o campo da História, novas e amplas possibilidades de compreensão de determinados contextos e objetos.

No caso em análise neste artigo, os depoimentos de José trouxeram questões importantes para pensar a relação do Beco do Mota com o restante da cidade, bem como a experiências de sujeitos coadjuvantes no cenário do meretrício – as crianças –, mas cujas vidas sofreram impactos profundos em função da mácula que lhes era imposta por serem filhos de prostitutas e viverem no ambiente do meretrício.

Referências:

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CARVALHO, Keila Auxiliadora de. *Colônia Santa Izabel: história e memória do isolamento compulsório de doentes de lepra*. Curitiba: Prismas, 2016.

CASTEL, Robert. *Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CUNNINGHAM, Hugh. Histories of Childhood. *American Historical Review*, v. 103, n. 4, p. 1195-1208, out. 1998.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOODWIN JUNIOR, James William. *Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição – Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, 2007.

MARTINS, Marcos Lobato. *Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

OS ANJOS NÃO DEVEM CAIR. *Voz de Diamantina*. Diamantina, p. 4, 12 de dezembro de 1965.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. *Desenvolvimento e marginalidade*. São Paulo: Pioneira, 1974.

PARK, Robert Ezra. Human migration and the marginal man. *American Journal of Sociology*, v. 33, n. 6, p. 881-893, mai. 1928.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

TEODORO, Débora Antonieta Silva Barcellos. *Memórias marginais do Beco do Mota: mulheres e crianças no cenário da prostituição*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – UFVJM, Diamantina, MG, 2019.

Fonte Oral

José [66 anos]. [out. 2018]. Entrevistadora: Débora Teodoro. Diamantina, MG, 26 out. 2018.

Resumo: O presente artigo analisa o depoimento de um sujeito, que denominamos José, filho de uma ex-prostituta, que passou parte da infância morando numa região de meretrício da cidade de Diamantina, em Minas Gerais. A mãe do entrevistado trabalhou no Beco do Mota, entre o início da década de 1950 até 1968. A narrativa traz à tona aspectos sobre uma infância marcada pela experiência da exclusão, bem como do estigma decorrente da filiação e do local onde morava. Não obstante a isto, José também elabora memórias que permitem-nos observar estratégias peculiares de resistência para poder existir num espaço urbano estigmatizado e proibido e, também, para além dele.

Palavras-chave: Beco do Mota. Prostituição. Infância. Exclusão.

“The boy from the alley”: memories of a childhood lived in a red-light district in Diamantina-MG (1950-1968)

Abstract: This paper analyses an individual’s testimonial, who we named José, an ex-prostitute’s son that lived part of his childhood living in a red-light region, in the town Diamantina, Minas Gerais. His mother worked at the alley Beco do Mota, from the early years of 1950 to 1968. The narrative brings up aspects about a childhood marked by the experience of exclusion, as well as the stigma arising from his mother’s job and the place where he lived in. Nevertheless, José presents memories that allow us to observe peculiar resistance strategies in order to exist in a stigmatized, forbidden urban space and beyond it.

Keywords: Beco do Mota. Prostitution. Childhood. Exclusion.

Recebido em 08/08/19

Aprovado em 31/10/19